



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

NAIR CASAGRANDE

(depoimento)

2004

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-72

Entrevistado: Nair Casagrande

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS

Entrevistadores: Karine Dalsin e Leila Carneiro Matos

Data da entrevista: 31/08/2004

Transcrição: Luanda Dutra

Conferência Fidelidade: Luanda Dutra

Copidesque: Camile Romero

Pesquisa: Vicente Cabrera Calheiros

Fitas: (01 fita) 72/01-A e 72/01-B

Total de gravação: 50 minutos

Páginas Digitadas: 16

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 01939/2008/01

Número de registro da fita: 01939/2008/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

CASAGRANDE, Nair. *Nair Casagrande (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

Sumário

Envolvimento com a ESEF, grupos de pesquisa, diretório acadêmico, executiva nacional de estudantes de educação física, organização do EREEF, participação no COREEF, mobilizações, atos, cotidiano da escola.

Porto Alegre, 31 de Agosto de 2004. Entrevista com Nair Casagrande, a cargo das entrevistadoras Karine Dalsin e Leila Carneiro Matos, para o projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. – Nair, gostaria de começar a entrevista perguntando como é que tu iniciou a ESEF¹, como foi a tua chegada à educação física?

N.C. – Bom, acho que como a maioria dos estudantes pelo que eu tenho observado de educação física, um dos meus interesses é pela educação física, despertou mesmo em função da minha inserção anterior durante o ensino do segundo grau, na escola, o atualmente ensino médio. E de inserção nas atividades de esportes. Eu participava de campeonatos, treinava no time de vôlei lá da cidade. E aí esse envolvimento nas práticas esportivas em geral, despertou esse interesse mais pessoal pela educação física. Academicamente esse processo se deu da seguinte forma, prestei vestibular para o curso de biologia em 1991. Cursei dois semestres de biologia, sendo que no segundo semestre eu já cursei então uma disciplina aqui na ESEF. Porque eu estava incerta quanto ao meu curso de biologia, tinha uma afinidade com a educação física, aí já no segundo semestre então de universidade, cursei uma disciplina aqui na Escola que era a disciplina de handebol, com o professor Giovane² inclusive. Eu acho que talvez ele fosse substituto, na época não sei até mesmo se ele era professor da UFSC³. O Giovane Lorenzin. Aí, nessa disciplina, de curso dois que chamava-se na época, não sei se atualmente chamam assim. Na verdade me aproximei, passei a circular mais aqui na ESEF, e isso influenciou na minha decisão de solicitação formal na universidade de mudança de curso. Tentei reingresso, em 92. E tinham lá algumas vagas para reingresso, melhor, transferência interna de curso e eu fui uma das aceitas no curso. Aí então em 92, no segundo semestre. Após um ano já dentro da UFRGS, eu ingressei oficialmente aqui no curso de educação física. E aí então desse período, desenrolei o curso de graduação que se decorreu até então em 97. No final de 97 quando coleei grau aqui na Escola.

K.D. – E tu te lembrás da estrutura física que a ESEF tinha nessa época? Era similar à que a gente tem hoje?

¹ Escola de Educação Física

² Nome sujeito a confirmação

N.C. – É, a gente tem aí desde que eu saí aqui da escola, 97 se passaram sete anos. A gente está em 2004. É, assim, a estrutura basicamente é a mesma, o que não tinha na época se deu construção foram a atual sede hoje do LAPEX⁴. E também o ginásio dois. Na época, na maior parte do período que eu tive aqui na escola, o LAPEX funcionava aqui nesse prédio, onde atualmente é o CEME⁵. Então aqui era o LAPEX. Naquele processo, naquele período, se... Já tinha se dado início à construção do outro prédio que atualmente fica o LAPEX e também o ginásio dois. Então a estrutura para além do que tinha na época, atualmente tem já de acréscimo esses dois outros prédios. Mas basicamente, era essa a estrutura, acho que, fundamentalmente.

K.D. – Tu te recordas qual era mais ou menos o perfil dos teus colegas na época que tu estudaste na Escola? Em relação à entrada na ESEF, mais direcionado à licenciatura ou mais direcionado ao que agora a gente chama de graduado?

N.C. – Do meu ponto de vista, eu acho que não mudou muito, em relação, por exemplo, ao ano de 2003 quando eu tive contato direto com estudantes aqui, no momento em que eu estava trabalhando de professora substituta. Então em 2003, me pareceu que o perfil não havia mudado muito em relação ao período que eu estive cursando aqui a escola. E esse perfil dos estudantes em geral, no meu ponto de vista, ele permanecia mais ou menos, o mesmo. É, grande parte dos estudantes ingressavam no curso também por ter uma afinidade em relação a alguma prática, de exercícios físicos, ou seja, era principalmente em torno do futebol. Algumas outras poucas pessoas mais vinculadas à área da dança, capoeira, e muito menos ainda pessoas que entram ou ingressam no curso em relação... Com interesse mais voltados para a área escolar, da educação física escolar. Predominantemente então, acho que o perfil dos estudantes na época também, se voltava muito mais para busca e para a perspectiva do trabalho mais na área do treinamento, de academias. Para essa área mais das ciências biológicas, fisiológicas. E uma menor parte obviamente que tinha também como tem atualmente, tem um interesse mais voltado então para a área das ciências humanas ou educação física escolar. Essas áreas.

³ Universidade Federal de Santa Catarina

⁴ Laboratório de Pesquisa do Exercício, fundado em 1973

⁵ Centro de Memória do Esporte

K.D. – Como foi a tua passagem como professora substituta pela escola?

N.C. - É, assim como foi, em que sentido?

K.D. – É em relação à experiência de lecionar num ambiente que até pouco tempo atrás tu era aluna?

N.C. – Certo, então assim, foi super legal. Eu, desde acho que o término do meu curso de graduação, eu busquei dar continuidade a minha formação com a pretensão. Visto que eu gostava disso. Pretensão de trabalhar com o ensino, pesquisa, extensão. Fundamentalmente, objetivando chegar ao ensino superior. E foi super legal para mim, poder... Na verdade oficialmente ter essa primeira experiência no ensino superior aqui na escola onde eu, entre aspas, recentemente, teria me formado. Visto que poucos anos tinham se passado. Me foi na verdade um momento aí um período em que eu tinha dado continuidade ao curso de pós graduação, enfim. E aí foi, foi pra mim, pessoalmente foi super legal, super gratificante e de certa maneira também com alguns aspectos facilitadores por ser uma escola um local de trabalho que você já conhecia, que você já tinha tido contato, já conhecia os funcionários, os meus antigos professores, que agora passavam de certa forma a ser meus colegas de trabalho, então isso foram alguns aspectos facilitadores. E também numa perspectiva de contribuir mesmo para a formação de um curso pelo qual eu já tinha passado e com certeza eu tinha de certa forma bastante referências. De como o curso funcionava, enfim essa inserção já mais próxima do curso também foi, facilitou, enfim, nesse trabalho.

K.D. – É, além da tua participação nas aulas, das atividades da grade curricular, como mais tu, realizou a tua formação pessoal dentro e, ou profissional, depende do ponto de vista dentro, do curso.

N.C. – Em termos de graduação?

K.D. – Sim.

N.C. – Acho que... Tem um grande destaque que pra mim de certa forma quando eu terminei o curso eu percebi como uma segunda escola que foi uma participação que se destacou muito na minha formação, através da minha inserção junto ao Movimento Estudantil de Educação Física. Fundamentalmente, com a minha inserção a partir do ano de 94. Junto ao Diretório Acadêmico⁶. A gente tinha contato, a gente via. Com as pessoas que até participavam do D.A. a gente via as demandas, as necessidades, tanto de organizar um coletivo no D.A., quanto algumas questões relativas ao curso que a gente de certa maneira, talvez via como problemáticas. Então víamos a necessidade de participar mais ativamente. De algumas questões que se colocavam na escola. E então em 94, passei a, a me inserir, junto ao grupo que constituiu o diretório acadêmico. Acho que me aproximei, oficialmente eu passei a fazer parte da gestão acredito que lá pelo ano de 1995, como desencadeamento da minha aproximação em 94 do grupo que constituía aí o diretório acadêmico. Então, a partir da minha inserção no D.A., é que de certa maneira expandiu e aumentou a necessidade da nossa inserção, minha e dos colegas no diretório, em outras instâncias da Escola. Dentre elas a minha inserção como representante estudantil junto ao departamento de educação, acho que de educação física, na época, eram distintas as... Não, não, hoje atualmente acho que é só um departamento? Dois? Tem mais de um departamento, não sei como é que está à organização aqui dos departamentos aqui na escola agora, acho que são dois, não, como é que, o departamento de ginástica e, não, o departamento de... Só um. Então na época tinha o de DGR que era o Departamento de Ginástica Rítmica, acho que Rítmica Desportiva e o Departamento de Desportos, acredito que eram dois departamentos, mas enfim, eu fui representante discente num desses departamentos. Representando os estudantes, participando de certa forma das questões relativas ao curso num todo. E aí pra além, e aí agora expandindo a minha inserção dentro da escola e do Diretório Acadêmico, participação na representação estudantil, também a gente foi se inserindo em outras instâncias externas. Que se davam ao torno do movimento estudantil já uma representação posteriormente junto à executiva de estudantes de educação física, tanto a nível regional quanto posteriormente até numa das instâncias de cargos nacionais na executiva de estudantes.

K.D. – E o que é isso assim? Que cargos assim?

⁶ Diretório Acadêmico.

N.C. – Na executiva então eu inicialmente participei de uma das coordenadorias, acho que da coordenadoria de ensino, pesquisa e extensão da regional seis, regional sul. E posteriormente eu tive um ano no cargo da CEPE⁷ que é da executiva nacional, então numa instância nacional, participando também da coordenadoria de ensino, pesquisa e extensão num âmbito nacional.

K.D. – E em relação ao movimento estudantil e o diretório acadêmico da ESEF naquela época? Quais eram as principais atividades que vocês organizavam? Ou quais eram as principais lutas do movimento estudantil, reivindicações diante da direção da Escola?

N.C. – Bom, uma das questões que permeava, mas no qual a gente não deu conta de acompanhar, de se inserir mais, adequadamente ou com maior profundidade, é a discussão em torno da reestruturação curricular. Nessa discussão que desencadeou, atualmente, mais recentemente até na reestruturação do currículo, e aí desencadeou agora na fragmentação, no meu ponto de vista, entre bacharel e licenciado. Já na época, lá naquele período, a gente também acompanhava de certa forma essa discussão da reforma curricular que permanentemente vinha, de certa maneira, passando e havia algumas reestruturações ou pequenas reestruturações em torno de algumas disciplinas do currículo. E essa era uma das questões que permanentemente passava. Outras questões mais específicas aqui da escola, deixe-me ver, talvez diziam mais respeito às questões físicas, mesmo a gente na época por um laboratório de informática que nós não tínhamos aqui na Escola, é, também se polemizava um pouco a participação junto o trânsito mais livre e o acesso mais fácil à algumas instâncias como o próprio laboratório, o LAPEX, na época. Outra discussão polêmica que eu via que circulava entre os estudantes, se dava em torno do Programa Especial de Treinamento o PET⁸, que me parece que ainda é polêmico visto que a gente entendia que era uma política que, infelizmente limitava-se à apenas um grupo. O programa se propunha a desenvolver com qualidade no ensino. Para posteriormente formar futuros docentes até do ensino superior, envolver mais os estudantes na pesquisa propõem uma determinada qualidade, mas não universaliza essa qualidade, limita à um grupo que acabava se tornando de certa maneira, um grupo de elite dentro do emaranhado do curso. Então essa também era uma polêmica dentro das questões específicas. E, creio que

⁷ Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

⁸ Atualmente PET significa “Programa de Educação Tutorial”

algumas questões mais singulares, outra vez não com tanta importância assim e algumas questões pontuais referentes à participação dentro de algumas instâncias da Escola, algumas questões específicas quanto ao uso de vestiários, questões materiais, a organização do espaço dos alunos lá da piscina, nada muito problemático assim. E em instâncias extras, acho que a Escola que extrapola, mas que envolvem a escola, polêmicas que se davam na época também vinham em torno de enfrentamento de greves das universidades brasileiras que já óbvio a bastante tempo, vem de, certa maneira sendo sucata e hoje a gente vê aí que já estão em processo já bastante avançado. E todas as políticas, que a gente tem hoje para universidade brasileira é a forma, o sucateamento que se encontra extremamente avançado na universidade hoje que passa aqui pela ESEF também. Como, uma das instâncias da universidade, já naquela época ele vinha com bastante força. Então a gente enfrentava greves, nós puxávamos greves também dos alunos, buscávamos apoiar as greves dos professores, participar dos atos, as mobilizações. Na luta pela universidade pública gratuita, então de qualidade, e basicamente essas questões mais gerais que envolviam. Essas lutas mais amplas aí pela universidade pública. O espaço também, agora voltando ao específico, ah, aos projetos de pesquisa, de extensão. De uma forma mais ampla para os estudantes, essas coisas. E também uma questão que passava também, que não pode deixar de ser colocada, uma questão mais que perpassa os cursos, de educação física, que era a própria organização dos estudantes, não era em torno de mobilização e exigência, mas, geralmente aqui a Escola, sempre foi muito organizada em torno dos campeonatos e torneios internos, tanto aqui da Escola quanto outros. Copa UNISINOS⁹, outros jogos e torneios aí onde a Escola se envolvia, e o diretório acadêmico também obviamente fazia essa organização. Em torno de uma das demandas, que se dava entre o coletivo dos estudantes. E, é isso.

K.D. – Citarias, em especial, alguma mudança que tenha ocorrido durante o período em que tu esteve na ESEF? Alguma mudança significativa para o cotidiano da Escola?

N.C. – Uma que me ocorre agora, posso estar não sendo fidedigna muito à minha memória, mas uma assim que me vem agora, que se destacou, foi, por exemplo, o centro de excelência no qual a ESEF se tornou. Eu não sei exatamente o ano, mas nesse período, aí

⁹ Universidade do Vale dos Sinos

principalmente os dois governos do Fernando Henrique Cardoso¹⁰. É, que foi de 1994 à 1998 e de 1998 à 2002, esses dois governos do Fernando Henrique Cardoso, então 1994 à 1998 foi uma grande parte que eu estava na ESEF. Ele deu continuidade a esse governo nesse período deu continuidade ao sucateamento e ao ataque da universidade, dentre as políticas, que esse governo colocava, era a formação dos centros de excelência. Que no nosso entendimento, na verdade, nada mais era uma proposta de formação de ilhas, de pesquisas espalhadas por alguns pólos no Brasil. E as demais universidades, se propunham em torno desse projeto que se tornassem apenas centros de ensino superior. Então porque as pesquisas ficariam concentradas nesses centros de excelência. A ESEF, aqui UFRGS, foi uma das contempladas enfim, uma das escolas que foi tornada centro de excelência. E, inclusive foi com essa verba, eu acho que, grande parte da verba em torno desse projeto foi se construindo o atual prédio do LAPEX. Visto que se propunha, a partir desse projeto, também, óbvio, garantir a estrutura física pra grande pesquisa. Na área de, nas áreas em fim que fossem definidas ou encaminhadas aqui na Escola, à grande área que se dá e que se tem hoje um desenvolvimento de pesquisa, me parece. É que se dá aí em torno aí da área do treinamento, do esporte de alto rendimento, é um pouco nesse sentido que focalizam mais as pesquisas do LAPEX. Então isso sim se destacou, porque vinha dentro de umas políticas, de uma das políticas colocadas é, que a gente contrapunha na época, uma política pública de governo pra universidade brasileira, que a gente era contrário. Então isso de certa maneira se destacou nesse período aí do curso, ficou bastante marcado para gente assim de certa maneira.

K.D. – Quanto ao perfil econômico, sócio-cultural dos teus colegas de faculdade?

N.C. – Assim, eu não tenho com ter muita referência assim, por exemplo, da turma, se eu entro num semestre, entram pelo menos setenta e cinco alunos, nesse mesmo semestre que eu entrei na universidade. A gente não tem infelizmente, bom, agente não tinha, e não tem, acho que ainda turmas fixas, então você de certa forma não tem como conhecer a maioria dos seus colegas, você conhece vários estudantes de diversas áreas, de diversos semestres de ingresso no curso. Mas pelo meu percurso aqui dentro não daria, eu não tenho assim muita referência, mais tanto se percebia pessoas e colegas de classe média, classe média

¹⁰ Fernando Henrique Cardoso. Presidente do Brasil de 1994 – 1998 e reeleito em 1998 até 2002

alta. Quanto também percebia e aí eu girava muito mais em torno desse outro núcleo, de estudantes que vinham mais de classe média, classe média baixa, vinham mais uma perspectiva de descendente assim, de classe trabalhadora. É principalmente que eles também voltados ou que se agrupavam em torno do diretório acadêmico de uma certa maneira. Então não dá pra dizer assim. Determinado grupo era maior ou não. Só a gente percebia aí os diversos níveis sócios econômicos. Participando dos estudantes que cursavam aqui o curso.

K.D – Sobre o cotidiano da Escola, tu tiveste testes físicos durante, na entrada, no curso?

N.C. – Pois é, eu não, tendo entrado em 1992. Segundo semestre de 1992 aqui no curso, não cheguei a pegar o teste físico, me parece que naquele período era um período de transição do... Eu não tenho certeza mais me parece que estava em discussão e naquele ano que eu entrei, que eu ingressei aqui na Escola, já tinha sido retirado esse teste físico, mas eu acredito que tenha sido até recentemente nesse período. Recentemente teria sido retirado o teste físico aqui do curso. É, eu até vou contar uma historinha que não tem muito a ver com a pergunta, mais ou menos não tem muito a ver diretamente com a Escola, mas em 1997. Em agosto de 97 quando eu me transferei para a Universidade Federal de Pernambuco, apenas para fazer o estágio no último semestre lá, ainda em 97 lá era desenvolvido o teste físico. E em 98 naquele segundo semestre que eu tive lá cursando, fazendo meu estágio, é inclusive também a partir da executiva de estudantes me inseri junto ao diretório acadêmico e lá a gente travou de certa maneira uma discussão, uma mobilização em torno da retirada daquele teste físico, porque a gente era extremamente contrário. Porque partindo de um entendimento de que você não entra no curso para ser um atleta da área de esportes ou qualquer outra área da cultura corporal, mas você entra ou ingressa no curso para ser professor de educação física, onde quer que você vá atuar a prática pedagógica, ela está permanentemente presente na atuação enquanto professor, enquanto educador dessa área, então a gente era contrário, lá a gente travou essa luta. Em seguida também lá foi retirado, mas aqui então em 1992 já não existia mais o teste físico, eu não sei, não tenho a precisão de data de quando este teste físico excluído aqui do processo de seleção para ingresso na Escola.

K. D. – Te recordas se tivesse que apresentar atestado médico?

N. C. – De saúde, não. Não tive que apresentar. É acho que não mesmo. Mesmo eu estava tentando recordar se quando eu fiz... Porque na época e nesse período também eu ingressei na Universidade em 1991, ainda era obrigatório a prática de ensino para todos os cursos da universidade. Isso se, ou qualquer curso inclusive eu fiz uma disciplina aqui que era futebol de salão como prática esportiva. Nós éramos obrigados a cursar duas disciplinas do semestre de pratica esportiva. Qualquer curso da universidade, então eu vim para cá até [palavra inaudível], me recordo somente agora, o meu primeiro contato até aqui com a escola antes de fazer a disciplina de curso dois foi cursando a prática de ensino. Eu iniciei, era no horário um pouco complicado, do meio dia, eu saia da aula do centro e vinha para cá, eu não lembro se concluí, mas eu acho que concluí essa disciplina, que era prática de ensino, obrigatória, então nesse período ainda eu estava tentando me recordar se existia algum tipo de exame médico, mas não exigia. Era só obrigatória a prática de ensino, não se exigia em princípio, pelo que eu me recordo, exame médico. E também posteriormente então em 1992 eu também não precisei apresentar nem exame médico para ingressar no curso.

K. D. – Dentro do curso tu participaste de alguma atividade de pesquisa, ensino ou extensão?

N.C. – Há! É, assim, diversas, eu, desde o início já vindo de um curso de biologia onde eu tive lá inicialmente já um contato mais próximo com a pesquisa. Me transferindo para ESEF, eu já busquei me inserir em diversas atividades, visto que eu entendia que isso só iria contribuir para a minha graduação. Tentando também já no início do curso me inserir nas práticas profissionais possíveis e existentes. Optei mais por me inserir em projetos e atividades internas a Escola. Não busquei inicialmente estágios fora. Inserção profissional, mas fora enquanto acadêmica fora da Escola, isso foi se dar só mais para o final do curso, então desde o início eu me inseri aqui em diversos projetos. Um dos motivos é porque eu tinha inicialmente bolsa carência da PRUNI¹¹ acho que ainda existe esse, é uma das bolsas para estudante carente, o estudante que morava na casa do estudante, e aí eu com essa bolsa tinha que me inserir em alguma atividade aqui da Universidade de preferência vinculada a minha área de formação. Fui me inserir, num período curto no departamento. É, do departamento de esportes na época, mas fui cair ali num trabalho extremamente

braçal burocrático que na verdade eu não fazia nada, era ficar por lá esperando o que tivesse para fazer, colar e tirar cartazes da parede quando venciam, então aí eu vi que aquilo não tinha nada do que eu me interessava e eu logo busquei me inserir então em projetos da área de natação que eu j a tinha uma experiência anterior, inclusive a entrada do meu curso l a em Bento Gonalves¹² eu j a tinha trabalhado, conhecido a natação. Então, me inseri no projeto de extensão do centro olímpico com atividades de natação para crianças. Nos projetos de iniciação, de treinamento e condicionamento que eles tinham ali.  , então, nesses projetos [palavra inaudível] natação, com a professora Helena¹³, também depois me inseri no decorrer, nos projetos do professor Krue¹⁴ mais vinculados à área da hidroginástica, “jogging” aquático e ensino de natação também. Trabalhei ali mais com a hidroginástica, não vou te falar na ordem mais ou menos, mas citando os projetos que eu me inseri, entre esses também, eu participei bastante tempo do projeto de diabetes chamado assim, diabetes e exercício. Na época, o professor que coordenava esse era o professor De Rose¹⁵, posteriormente j a não estava mais aqui na Escola, soube que esse professor foi afastado da Escola, visto que, acho que não cumpria com a carga horária, enfim houve algum problema e ele foi afastado da Escola. Ele era da área da medicina, ele era formado em medicina. Atualmente, e j a na época, ele também era vinculado aí ao COB¹⁶, ao comit  olímpico internacional, ao comit  olímpico brasileiro, enfim, mais vinculado aí área do “doping” Esportivo. Mas enfim, aqui tinha um outro professor que era o professor Rudinei¹⁷ que coordenava esse projeto e estava presentemente aqui, então foi feito uma seleção para bolsista, eu e outros colegas nos inscrevemos, eu fui uma das selecionadas e passei então a participar desse projeto no qual eu fiquei, acho que uns dois anos pelo menos até o fim, 1996 mais ou menos. E esse foi um dos projetos que aconteciam segunda, quarta e sexta aqui na Escola, atendia umas pessoas, que sofriam de diabetes. Desenvolv amos a pesquisa. Outra minha tentativa de inserção durante a graduação foi, que fiz acho que duas vezes a seleção para o programa PET, entrevista e processo seletivo, que ainda ocorre pelo ingresso, não fui selecionada, posteriormente eu acabei me inserindo no PET como voluntária. A visto que eu tinha pessoas colegas e amigas que participavam

¹¹ Pró-Reitoria da Comunidade Universitária

¹² Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

¹³ Helena Alves D’Azevedo

¹⁴ Luiz Fernando Martins Krue

¹⁵ Eduardo Henrique De Rose

¹⁶ Comit  Olímpico Brasileiro

¹⁷ Nome sujeito a confirmação

do PET pela afinidade, pela aproximação, busquei me inserir. A professora Silvana¹⁸ na época também era a tutora do programa, permitiu a minha entrada como voluntária, visto também que eu era bolsista desse projeto de diabetes e exercícios, e eu fui buscar a minha complementação, fundamentalmente mais teórica na área das ciências humanas e sociais, a partir das discussões que aconteciam no PET. Então isso foi legal, assim, também contribui bastante na minha formação. E estive eu acho que um ano e meio ou dois, mais nos anos finais do curso inserida no PET. É, outros projetos mais pontuais também, outros programas de verão que aconteciam pelo centro olímpico, onde oferece para a comunidade o mês inteiro de janeiro. As atividades na área de natação e hidroginástica, também participei, acho que fundamentalmente é esses projetos internos, não sei se quer que eu fale de outros.

K.D. – Eu gostaria que tu desse a tua visão sobre ao acesso nos projetos de ensino, pesquisa e extensão aqui da ESEF em relação aos alunos?

N.C. - Sim, como o acesso dos alunos a esses projetos...

K.D. - Isto!

N.C. - É então..., assim, como eu já falei um dos projetos, que é o programa PET como eu já te coloquei, é eu acho problemático, extremamente limitado no sentido do acesso. Complicado, enfim a forma como se dá. Essa formação dita de qualidade ela deveria no meu ponto de vista, de alguma maneira ser expandida para todo o coletivo dos estudantes. Bom, são esses eu já acho problemático em torno de acesso, bastante limitado, é, em relação...

[FINAL DA FITA 72/01-A]

N.C. – Acredito então, que os projetos em geral que são desenvolvidos aqui na Escola, eles, são de certa maneira de fácil acesso, porque, pelo menos aqueles que percorri nas áreas com as quais eu tinha mais afinidade, aqueles projetos que eu busquei, fundamentalmente o contato, eram com pessoas que participavam do projeto, com o

¹⁸ Silvana Vilodre Goellner

professor do projeto, no qual toda... Uma vez ou outra a gente se inseria como voluntário, posteriormente passava a ser bolsista. É, mas, também nesse processo que muito nos interessava era o aprendizado, a vivência daquilo que era desenvolvido no projeto, a gente participava mesmo como voluntário nos projetos. Então de certa maneira esses, em geral de certa maneira eram de fácil acesso. Acredito que, e até a escola, a ESEF diria que pelo que eu conheço, dentre as outras universidades, e tornando um pouco como referência a universidade do nordeste do Brasil que é a Universidade Federal de Pernambuco onde eu estive lá durante um semestre estudando, a UFRGS, ela de certa maneira, ela, entra dentro de uma... Sendo uma das melhores universidades do Brasil. Que referências eu tenho, por exemplo, a nossa biblioteca aqui, do meu ponto de vista é uma das bibliotecas de bastante qualidade, para um curso de educação física. Em relação à referência que eu tenho da UFPE¹⁹, lá, por exemplo, a biblioteca da universidade de educação física, não existia, era uma, uma prateleira, apenas dentro, inserida dentro da biblioteca de medicina. Sem contar com toda a estrutura que a gente tem disponível aqui na escola. Ginásio coberto, piscina, toda a estrutura necessária para o desenvolvimento de um curso, no que muitas vezes você não encontra nas universidades, outra universidade de referência que eu tive contato mais rápido, foi a Universidade Federal da Bahia e que se quer tem uma estrutura de um centro esportivo. Um centro para desenvolver as atividades do curso, lá o curso é desenvolvido num prédio, como o nosso prédio aqui do Centro de Educação. Onde não tem praticamente, espaço físico nenhum para desenvolvimento do curso que mais... Agora me impede de saber o que eu estava falando, falei em qualidade do curso... ‘Viajei’... O acesso aos projetos. Então isso, está o que eu falei da qualidade, da diferença entre a qualidade, para contar também que a nossa universidade aqui, ela tem um ponto positivo, outro ponto positivo é justamente o que a gente está falando, que aqui a Escola oferece diversos... Na verdade são desenvolvidos vários projetos de ensino, de pesquisa e extensão. Então que oportuniza, de certa maneira, para os alunos uma diversidade de experiências, uma gama vasta de experiências, porque se tivessem poucos, um, dois ou três projetos, ia ficar muito mais restrito o acesso dos alunos a participar dessas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Como tem essa diversidade grande, essa gama grande de projetos, facilita o acesso, a diversidade de experiências durante a formação dos estudantes. Isso eu acho que é um dos pontos positivos e também, de certa maneira, a ESEF se destaca em relação a algumas outras escolas de educação física do país. Isso.

¹⁹ Universidade Federal de Pernambuco

K.D. – Em relação aos estudantes e a tua participação no D.A., existe um canal de comunicação entre o D.A. e a direção, essa relação era boa, era problemática, o que recordas?

N.C. – Sempre houve um diálogo, uma disposição da direção de certa maneira de, bastante grande em dialogar com os estudantes, com a apresentação dos estudantes e de certa maneira em buscar atender as necessidades e demandas físicas ou até mesmo, muitas vezes, vinculadas a ajudas de custo para a participação em eventos, apoio a realização de eventos. Como foi aqui, nós realizamos alguns COREEF's²⁰, dos Conselhos Regionais dos estudantes de Entidade de Educação Física, realizamos também em maio de 1996 o EREEF-Sul²¹, o segundo EREEF-Sul aqui na Escola. Então a gente sempre, de certa maneira, contou com o apoio, com a disponibilidade de diálogo da direção em torno obviamente dos limites que a direção, em relação a atender essas demandas. Então sempre houve muito esse diálogo tranquilo assim com a direção. Outro, um fato assim marcante em relação, acho que marcou um pouco a atividade não, mas uma atitude que o D.A. teve, acho que foi talvez em 1995, foi em que nós, na lateral aqui desse prédio dos departamentos, ali da sala de rítmica, a direção disponibilizou para gente fazer um painel, pintar ali, pichar, para gente fazer o que quisesse ali na parede. E a gente de certa forma acabou dividindo em duas partes, para uma delas o diretório fazia pichar, pintar, escrever, decorar aquele espaço e outra ficou aberta para os alunos, para os estudantes. Fazer como um mural fixo ali, mas muito mais vinculado a pintura, seria uma coisa mais prevalente. Uma polêmica que gerou ali, foi que nós do diretório acadêmico, acabamos pichando, escrevendo nomes de alguns professores que nós víamos como de certa forma extremamente displicentes ou descompromissados com o curso, e com as disciplinas que ministravam aqui na Escola. Não me recordo nomes e acho que nem cabe também levantar nomes aqui, mas, nós, enquanto estudantes na época, o comum das nossas formas de manifestação, foi pichar ali o nome dos professores e fazer um desenho no lado tipo, mamando nas tetas do governo e tal. Uma crítica aos professores pelo descompromisso que nós percebíamos em relação a Escola e ao curso, e do nosso olhar. E aquilo gerou uma polêmica grande na Escola. Enfim, os professores pediram reunião com a gente para tratar daquilo, e a direção também obviamente teve que se posicionar e posteriormente, em

²⁰ Conselho Regional dos estudantes de entidade de Educação Física

²¹ Encontro Regional dos Estudantes de Educação Física (Região Sul)

seguida a gente acabou tendo que dar jeito naquilo. E aí um colega nosso, pintou lá em cima: censurado. Uma faixinha bonitinha assim escrito censurado e apagamos aquele desenho ali que polemizou dessa maneira. É, mais em geral assim o diálogo com os professores não havia muito, mais diretamente com a direção em torno das questões de interesse nossos, de interesses mais gerais da Escola e dos estudantes. Acho que é isso.

K.D. – Bom, tu a principio... Eu esqueci de te perguntar quanto a greves, imobilizações, paralisações no período que tu esteve na Escola, tu vivenciaste alguma greve, processo de paralisação?

N.C. – É, então, não me recordo os momentos pontuais específicos, mais a gente pelo menos dentro do período que eu estava aqui de 1992 até 1997, eu devo ter passado por duas ou até três greves. Não me recordo com exatidão, e nós assim inseridos sempre buscávamos de certa maneira apoiar funcionários e professores visto nosso entendimento do que estava acontecendo com a educação, com a universidade. E esse apoio se materializava de certa forma nas nossas participações, discussões, é busca, a tentativa de realizar ação de assembleias com os estudantes. Tentando discutir, esclarecer os estudantes e muitas vezes nós, acabávamos frustrados porque era difícil imobilizar e agrupar os estudantes, algumas vezes nós tínhamos sucesso, outras vezes não conseguíamos mobilizar nada. E então, realização de assembleias, buscando também realizar atividades, as vezes durante o período de greve para que não houvesse uma desmobilização, uma por completo, que a escola ficasse vazia, participando de ato, buscando tentar levar os estudantes inclusive daqui para lá, quando o diretório central puxava ou as entidades de servidores ou docentes da universidade puxavam os atos [palavra inaudível], nós também procurávamos levar os estudantes, ou fato interessante que inclusive deve ter uma foto no diretório acadêmico, um quadro, foi de um acampamento que a gente fez aqui durante uma greve. Nós montamos barracas aí, colocamos faixas em apoio à greve, de certa forma como uma das atividades de mobilização dos estudantes e esse acampamento que a gente fez aqui também, foi bem repercutido dentro da universidade, foi bastante interessante pela atividade. E marcou de certa maneira que eu acho que não sei se ao mesmo tempo, outros estudantes de outros cursos tinham, haviam feito algum tipo de acampamento. Que era um acampamento expressando apoio e adesão a greve e a mobilização da universidade, então esse fato foi também bastante marcante. Acho que fundamentalmente isso assim, e, a nossa

realização das atividades do movimento estudantil como COREEF's e EREEF, aqui lá em 1996, também buscavam de certa maneira trazer para dentro essas discussões mais gerais que envolviam tanto o nosso curso quanto as questões, é, que envolviam, a situação da universidade, da educação no país. Acho que é isso, assim.

K.D. – E do cotidiano da Escola, tens algum fato de pitoresco que tenhas vivenciado no período que estiveste aqui, alguma situação, que tu te recordes?

N.C. – Deixe-me ver, acho que não me vem a cabeça nada agora, assim. Mas acho que basicamente, os pitorescos eu já devo ter comentado. Essas polêmicas e tal. É, nesse período acredito que era interessante, acho que deve acontecer agora também porque de certa maneira, os estudantes do diretório acadêmico se tornavam referência para o curso. Para, então qualquer coisa era com fulaninho, qualquer coisa era com o aquele outro. E um colega nosso que era meio personalidade aqui na Escola o [palavra inaudível], que tu conhecestes também. E porque muito, ele girava muito em torno, mobilizava os estudantes e ele, se responsabilizava pelo treinamento do futebol feminino, ou treinamento de alguma outra modalidade, pela organização dos treinamentos no ginásio. Quando os estudantes queriam treinar para os campeonatos, é, organizava transportes, organizava fardamento, toda essa articulação de inscrição e tal, toda essa mobilização em torno dos jogos e torneios que a Escola participava, ele era a cabeça assim nesse sentido. Então, acabava sendo referência porque ele circulava muito em torno de todos, grande parte dos estudantes que se organizavam em torno dessas atividades. Então ele, o Flávio²², que é outro colega nosso, o Flávio era muito conhecido pelo PT²³, porque desde o início do curso ele, acho que, ou usava broche do PT ou bandeira do PT em épocas de eleições, então acabava sendo taxada: “Ah, o PT, o PT”. Então, pessoas assim, de certa forma que marcaram esse período, em torno da entidade. Que agregavam de certa forma os interesses dos estudantes, visto algumas peculiaridades, obvio. Devo estar cometendo, tem muito mais gente que acabou marcando, mas assim, essas pessoas que mais se ressaltavam nesse período que eu estive aqui no curso, de certa maneira. Então, mais outros fatos pitorescos, pontuais, ah sim, é interessante, uma coisa mais geral, assim, outro colega nosso que não era vinculado ao diretório acadêmico, esqueci o nome dele, mais também era uma personalidade, tinha

²² Nome sujeito a confirmação

²³ Partido dos Trabalhadores

outras personalidades aqui da festa ou coisa assim. Que não necessariamente vinculadas ao diretório, esqueci o nome dele, mas é um colega nosso que se preocupava muito com os cachorros aqui na ESEF, circulavam muitos cachorros, acho que a Leila²⁴ lembra. Não estou me recordando o nome dele, mas ele vivia procurando cuidar dos cachorros, houve uma polêmica uma época em que a direção da escola queria dar um jeito de sumir com os cachorros daqui e ele fez uma mobilização em torno dos cachorros para um canil ou enfim. Procurava ter esse cuidado. E volta e meia também, acontecia essa polêmica em torno dos cachorros aqui da ESEF, acho que por aí, isso, volta e meia também as polemicas. Mas ah, as badalações em torno das festas que se faziam aqui. É, o galpão foi mais recente, ele foi construído, mas nós as vezes também realizávamos as festas no ginásio. É, para arrecadar verba para algum evento ou para a formatura ou para algum tipo de atividade, então essas atividades mais gerais assim, elas davam grande repercussão assim entre os alunos, e hora ou outra, acontecia um fato mais pitoresco, mas eu não tenho recordação assim desses muito pontuais.

K.D. – Bom Nair, eu te agradeço pelo teu depoimento e espero contar contigo. Obrigada!

[FINAL DO DEPOIMENTO]

²⁴ Leila Carneiro Matos, uma das entrevistadoras